

A História da Mastologia no Inca

History of the Breast Cancer Clinic at Inca

Pedro Aurélio Ormonde do Carmo¹, João Luiz Campos Soares², Sergio Ré de Paiva³ e Darcy da Silva Guimarães⁴

¹Médico-Mastologista; Diretor do Hospital do Câncer III do INCA.

²Médico-Mastologista - Ex-Chefe da Seção de Mastologia do INCA

³Biólogo-Ex-Coordenador do Laboratório Central de Citopatologia do HC III do INCA

⁴Assessor da Direção Geral do INCA

Com o aumento progressivo da mortalidade por doenças crônico-degenerativas, entre elas o câncer, houve na década de 30, uma reorientação da política nacional de saúde.

Em 13 de janeiro de 1937, o então presidente Getúlio Vargas assinou o Decreto Lei 378, que criou um Centro de Cancerologia no Rio de Janeiro. Este Centro foi inaugurado em 1938 no Hospital Estácio de Sá (hoje Hospital da Polícia Militar do Rio de Janeiro), com 40 leitos, um bloco cirúrgico, um aparelho de radiodiagnóstico e um de radioterapia, tendo como seu diretor o professor Mário Kröeff, um dos pioneiros na pesquisa e no tratamento do câncer no Brasil.

Em 1939, pelo Decreto Lei nº 1.040, o referido Centro ficou sob responsabilidade da Prefeitura do Distrito Federal.

Já em 1941, pelo Decreto Lei nº 3.643, foi criado o Serviço Nacional de Câncer - SNC, cuja responsabilidade foi outorgada ao Prof. Mário Kröeff. O Serviço passou a funcionar nas dependências do Centro de Cancerologia e teve como seu colaborador principal o médico Alberto Lima de Moraes Coutinho. Esses dois médicos tinham como tarefa propor uma política nacional de controle do câncer.

No dia 4 de julho de 1944, através do Decreto 15.971, foi aprovado o regimento do Serviço Nacional de Câncer que, em seu

artigo 2º, oficializava a criação do Instituto de Câncer, órgão executivo do Serviço Nacional de Câncer.

Em 1946, o Serviço Nacional de Câncer foi transferido para o Hospital *Gaffrée e Guinle*, onde havia melhores condições de funcionamento. Nessa época e até 1952, não havia equipes especializadas. Os médicos eram formados, na sua maioria, por cirurgiões gerais provenientes do Serviço de Cirurgia do Prof. Brandão Filho, da Faculdade de Medicina do Brasil, hoje Universidade Federal do Rio de Janeiro, e as intervenções eram realizadas indistintamente por todos.

Com a progressiva incorporação dos avanços técnico-científicos e crescimento do Serviço, impôs-se a criação de seções especializadas, iniciativa esta que foi implantada a partir de 1956. As doentes de tumores de mama, no entanto, continuavam sendo atendidas por qualquer uma das seções especializadas criadas, já que inexistia uma especificamente dedicada a isso.

A já elevada frequência e a incidência cada vez maior das afecções mamárias justificavam a existência de uma equipe especializada, visando a um melhor atendimento às enfermas e melhores possibilidades de estudo do câncer mamário.

Em 1957, ocorreu a inauguração oficial da nova sede do Instituto de Câncer na Praça da Cruz Vermelha, tendo como diretor o médico Antônio Pinto Vieira e, como diretor

do Serviço Nacional de Câncer, o Prof. Ugo de Castro Pinheiro Guimarães. O Instituto já dispunha de quase todas as seções especializadas, exceto a de Mastologia e a de Cirurgia de Tecido Ósseo. E foi neste mesmo ano de 1957 que, no dia 01 de abril, criou-se a Seção de Mastologia sendo o seu primeiro chefe o médico Alberto Lima de Moraes Coutinho, que a liderou de 1957 a 1967. O Dr. Coutinho formou a primeira equipe com os médicos João Luiz Campos Soares e Clóvis Fraga de Andrade. Também passaram a integrar essa equipe os internos acadêmicos, Agostinho do Passo e Nelson Augusto Rodrigues.

Alberto Lima de Moraes Coutinho foi o pioneiro da Mastologia brasileira. Com o intuito de divulgar as mais recentes pesquisas nesta especialidade, organizou vários cursos no Rio de Janeiro e em outros estados federativos. No dia 03 de julho de 1959, ao término de um curso realizado no Instituto de Câncer, que teve como intenção arregimentar novos companheiros, o Dr. Alberto fundou a Sociedade Brasileira de Patologia Mamária, hoje Sociedade Brasileira de Mastologia, da qual foi presidente por três vezes.

A atuação de Alberto Lima de Moraes Coutinho culminou com o reconhecimento da Mastologia pela Associação Médica Brasileira, no dia 28 de janeiro de 1978, como especialidade médica, nascida que foi no Instituto de Câncer,

Pelo Decreto 50.251, de 28 de janeiro de 1961, o Instituto de Câncer passou a denominar-se Instituto Nacional de Câncer, para o qual foram atribuídas novas competências nos campos assistencial, científico e educacional.

Em 1965, durante a direção do Prof. Francisco Fialho, houve a fusão das seções especializadas de Mama e Ginecologia, sob a chefia de Alberto Coutinho. Este novo sistema perdeu por cerca de dois anos e, em maio de 1967, as especialidades voltaram a ter seções independentes.

Por ato do então Ministro de Estado da Saúde, Leonel Miranda, o Instituto Nacional de Câncer foi, em maio de 1969, desligado do Ministério da Saúde, passando para a administração da Fundação Escola de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro,

entidade ligada ao Ministério da Educação e Cultura. Este fato muito contribuiu para o esvaziamento funcional do Instituto. Por discordarem dessa determinação, Jorge Sampaio de Marsillac Motta, então diretor do Instituto Nacional de Câncer, e Alberto Lima de Moraes Coutinho saíram do INCA. De maio de 1969 a 31 de dezembro de 1971, as seções de Mastologia e de Ginecologia foram chefiadas pelo Prof. Osmar Teixeira Costa, designado pelo Diretor da Faculdade, Professor Cláudio Goulart de Andrade. Mas, no dia 01 de janeiro de 1972, o Instituto Nacional de Câncer, através da Lei nº 5.734, de 16 de novembro de 1971, reintegrou-se ao Ministério da Saúde.

Em virtude da designação de Alberto Lima de Moraes Coutinho para a chefia da Divisão de Medicina e Cirurgia, constante do Regimento do Instituto Nacional de Câncer, assumiu a chefia da Seção de Mastologia o médico João Luiz Campos Soares.

Desde a sua criação, a Seção de Mastologia do INCA teve a sua chefia ocupada pelos seguintes médicos: Alberto Lima de Moraes Coutinho (1952-1967), João Luiz Campos Soares (1967-1983 e 1984-1991), Ney Duque Estrada (1983-1984) e Pedro Aurélio Ormonde do Carmo (1991-1999).

Porém, em 1992, com reformulação orientada pela Lei Orgânica da Saúde, a 8080/90, que criou o SUS, dois novos hospitais haviam sido incorporados ao INCA: o Hospital de Oncologia/Inamps e o Centro de Ginecologia *Luíza Gomes de Lemos*/Fundação das Pioneiras Sociais. Com isso, além daquela liderada por Pedro Aurélio, no agora Hospital de Câncer I (assim estabelecido no novo regimento do Ministério da Saúde, pelo Decreto 2.477, de 28 de janeiro de 1998), o INCA passou a contar com mais duas outras seções de Mastologia.

Também, a partir dessa incorporação, as histórias desses dois hospitais passaram a compor a história do INCA:

O Hospital de Oncologia (Hospital de Câncer II do INCA)

O casal Mathilde e Firmino Von Dollinger da Graça foram os grandes

colaboradores para a criação do Hospital de Oncologia. O nome de Mathilde foi dado ao prédio, ainda em construção, em gratidão ao trabalho desenvolvido por ela e por seu marido. As terras foram doadas pelo então presidente Getúlio Vargas para o Instituto Brasileiro de Oncologia (IBO), uma entidade filantrópica fundada em 1942. Localizado na Rua Equador, no bairro de Santo Cristo, o prédio de sete andares do Hospital de Oncologia (HO) foi inaugurado no dia 12 de março de 1967, porém, o hospital só começou a funcionar em 29 de outubro de 1973, sob a direção do médico Murilo de Castro Monte, que o conduziu até 1979.

Antes de se vincular ao INCA, o Hospital de Oncologia era um órgão ligado ao IBO, que assinou um convênio de comodato com o Inamps para que o hospital começasse a funcionar. No entanto, somente em 1990, após a criação do SUS, iniciou-se a transferência do HO para o Instituto Nacional de Câncer, que se formalizou através da Portaria Ministerial nº 968, de 10 de setembro de 1992 e publicada no Diário Oficial de 16 de setembro de 1992.

Com o novo regimento do Ministério da Saúde, estabelecido pelo Decreto 2.477, de 28 de janeiro de 1998, o Hospital de Oncologia recebeu a denominação de Hospital de Câncer II do INCA.

A primeira equipe da Seção de Mastologia do Hospital de Oncologia era composta pelos médicos Ney Duque Estrada, Marcos Wajnberg, Luiz Antônio Lopes da Silveira, José Sigiliano Gomes Filho e, como chefe, João Luiz Campos Soares.

O Hospital Luíza Gomes de Lemos (Hospital de Câncer III do INCA)

Em meados da década de 50, a então primeira dama do país, Sara Kubitschek, preocupada com sua mãe, a Sr^a. Luíza Gomes de Lemos, procurou que ela fosse atendida pelo seu ginecologista, o Prof. Arthur Fernandes Campos da Paz Filho. Pelo exame médico, o prof. Campos da Paz constatou tratar-se de um caso de câncer

uterino avançado e, devido às disponibilidades terapêuticas da época, pouco havia a ser oferecido. Alguns meses depois, a Sr^a Gomes de Lemos viria a falecer. Com a perda da sogra, o Presidente Juscelino Kubitschek convocou ao seu gabinete o prof. Campos da Paz, solicitando-lhe que fizesse um planejamento para a construção de um grande hospital de cancerologia na cidade do Rio de Janeiro. Mas o professor argumentou que esta cidade já dispunha de dois excelentes hospitais especializados: o do Instituto Nacional de Câncer e o Hospital *Mário Kröeff*. No entanto, ela precisava de um centro especializado em prevenção do câncer.

Assim, foi construído em 1956 e, inicialmente, operando em um prédio térreo, o Centro de Pesquisa *Luíza Gomes de Lemos* (CPLGL), da Fundação das Pioneiras Sociais, atendia somente casos de câncer feminino (mama e aparelho genital) e dispunha de bem montados consultórios ginecológicos, de laboratórios de citologia e histopatologia, de biblioteca, de um auditório e da Escola de Citopatologia, que tinha como objetivo formar citotecnologistas.

Porém, verificou-se a necessidade de se criar uma unidade de internação para esse centro de prevenção. Então, em 1977, foi construído, em anexo ao CPLGL, o Hospital Santa Rita, um centro de tratamento de câncer ginecológico com nove andares. Em 1982, o conjunto hospital-ambulatorios passou a chamar-se Centro de Ginecologia *Luíza Gomes de Lemos*, onde se desenvolviam atividades cirúrgicas e ambulatoriais de assistência a mulheres com doenças da mama e do trato genital.

Com a extinção da Fundação das Pioneiras Sociais, em setembro de 1992, o Hospital *Luíza Gomes de Lemos* (HLGL) foi incorporado ao Instituto Nacional de Câncer, também através da Portaria Ministerial nº 968 de 10 de setembro de 1992.

Com o novo regimento do Ministério da Saúde, estabelecido pelo Decreto 2.477, de 28 de janeiro de 1998, o Hospital *Luíza Gomes de Lemos* recebeu a denominação de Hospital de Câncer III do INCA.

A Unificação da Mastologia no INCA

Pela Portaria nº 109, de 22 de outubro de 1992, o então Diretor Geral do INCA, Marcos Fernando de Oliveira Moraes, criou “1ª Comissão de Integração das Unidades Assistenciais do Instituto Nacional de Câncer”, com ênfase nas Seções de Mastologia. Essa comissão concluiu que não era viável a unificação naquele momento.

Já em 1997, através da Portaria n.º 13, de 24 de janeiro, Marcos Moraes constituiu um Grupo de Trabalho, chefiado por Pedro Aurélio Ormonde do Carmo, para desenvolver estudos e apresentar sugestões, visando à unificação da Mastologia no INCA. O relatório deste grupo indicou o HLGL como a unidade capaz de englobar a unificação das Seções de Mastologia das três unidades médico-hospitalares do INCA.

Porém, essa unificação só ocorreu em 1999, por determinação do atual Diretor Geral do INCA, Jacob Kligerman, concentrando todo o atendimento cirúrgico e quimioterápico da mulher com câncer de mama no Hospital *Luíza Gomes de Lemos*, que se transformou em um dos maiores centros mundiais de tratamento deste tumor, com uma média mensal que supera 160 procedimentos mastológicos.

A unificação teve como objetivo reduzir os gastos operacionais e um obter um melhor

aproveitamento dos recursos humanos e materiais, o que gerou maior produtividade e qualidade dos serviços prestados pelo Instituto. A redução do tempo médio entre a matrícula e o tratamento cirúrgico e entre este e o início da quimioterapia, a realização de tratamentos cirúrgicos ambulatoriais e o agendamento de consultas com hora estabelecida são exemplos da melhoria alcançada.

Porém a história da Seção de Mastologia é mais do que a história de seções, hospitais ou de uma especialidade: é a história do próprio Instituto Nacional de Câncer. E dos diretores que o conduziram até hoje: Mario Kröeff (1938/1941), Alberto Lima de Moraes Coutinho (1941/1954), Luiz Carlos de Oliveira Junior (1954/1956), Antonio Pinto Vieira (1956/1962), Moacyr Alves dos Santos Silva (1962/1963 e 1972/1974), Francisco Fialho (1963/1967 e 1969/1970), Jorge Sampaio de Marsillac Motta (1967/1969), Ugo de Castro Pinheiro Guimarães (1970/1972), Adayr Eiras de Araújo (1974/1978), João Carlos Cabral (1978), Wolfgang George Lamprecht (1978/1979), Hiran Silveira Lucas (1979/1980), Ary Frauzino Pereira (1980/1985), Geraldo Mattos de Sá (1985/1986), Walter Roriz de Carvalho (1986/1990), Marcos Fernando de Oliveira Moraes (1990/1998) e Jacob Kligerman (desde 1998).